



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

PAULO GIOVANNY DIAS GASPAR

GÊNERO E SEXUALIDADE:  
Um olhar sobre os desafios docentes na Educação de Jovens e Adultos

João Pessoa – PB  
2018

PAULO GIOVANNY DIAS GASPAR

**GÊNERO E SEXUALIDADE:**  
Um olhar sobre os desafios docentes na Educação de Jovens e Adultos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Felix da Silva

João Pessoa – PB  
2018

G249g Gaspar, Paulo Giovanny Dias.

Gênero e Sexualidade: Um olhar sobre os desafios  
docentes na Educação de Jovens e Adultos / Paulo  
Giovanny Dias Gaspar. - João Pessoa, 2018.  
47 f.

Orientação: Dra Jeane Félix da Silva.

Monografia (Graduação) - UFPB/Centro de Educa.

1. Gênero, EJA, Prática Docente, Sexualidade. I. Dra  
Jeane Félix da Silva. II. Título.

UFPB/BC


PAULO GIOVANNY DIAS GASPAR

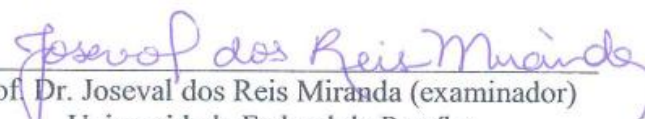
**GÊNERO E SEXUALIDADE:**  
Um olhar sobre os desafios docentes na Educação de Jovens e Adultos


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

**BANCA EXAMINADORA**

Aprovado em 31 / 10 / 2018

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Jeane Félix da Silva (orientadora)  
Universidade Federal da Paraíba

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda (examinador)  
Universidade Federal da Paraíba

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Ms. Maria Deborah Cabral de Sousa (examinadora)  
Universidade Federal da Paraíba

## **DEDICATÓRIA**

Aos/às profissionais que desejam ampliar e construir novas perspectivas frente às temáticas de Gênero e Sexualidade.

## **AGRADECIMENTOS**

A Espiritualidade Maior, pela sabedoria, amor, proteção, por me fazer superar obstáculos, me fazer forte e me fazer chegar até aqui.

À Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva, meu muito obrigado pela sua paciência e confiança.

A banca examinadora e a todos/as os/as professores/as que contribuíram de modo relevante para minha pesquisa e minha formação acadêmica e que fazem parte também dessa conquista.

E a todos que contribuíram de alguma forma para que este trabalho fosse realizado.

## **LISTAS DE SIGLAS**

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

EJA - Educação de Jovens e Adultos

EEEIF – Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEIF – Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental

EEEFM – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

EMLUR – Empresa Municipal de Limpeza Urbana

ME - Ministério da Educação

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

PNE - Plano Nacional de Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PSE - Programa Saúde na Escola

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

GASPAR, Paulo Giovanni Dias. **Gênero e Sexualidade: Um olhar sobre os desafios docentes na educação de jovens e adultos.** Monografia (Curso de Pedagogia) Universidade Federal da Paraíba - UFPB, João Pessoa - PB, orientado pela professora Dra. Jeane Félix da Silva 2018, (47)p.

## **RESUMO**

Neste trabalho busca-se conhecer e refletir sobre as práticas educativas de professores/as da Educação de Jovens e Adultos - EJA em relação a abordagem das questões de gênero e sexualidade, bem como os modos como eles/as percebem e lidam com essas temáticas na prática docente e na escola. Trata-se, de uma investigação qualitativa de caráter exploratório que teve como sujeitos de pesquisa professores/as da rede pública de ensino da Paraíba. O material foi produzido a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas com seis professores(as) dos Ciclos de I ao VI da Educação de Jovens e Adultos - EJA, sendo 2(dois) homens e 4(quatro) mulheres, que atuam em contextos caracterizados pela diversidade. No exame do material obtido foram considerados as práticas e os desafios colocados pelas questões de gênero e sexualidade no âmbito da escola. Este trabalho se ancora teoricamente em autores/as como Freire (1997), Furlani,(2017), Louro (1997) e Scott (1994). O estudo permite sinalizar que os/as docentes, não se sentem preparados/as para trabalhar com os temas na sala de aula e que, por essa razão, se apoiam em suas experiências e em pesquisas via internet quando precisam responder ou explicar possíveis questionamentos que surgem no percurso de suas práticas pedagógicas.

**Palavra-Chave:** Gênero, EJA, Prática Docente, Sexualidade.



GASPAR, Paulo Giovanni Dias. Gender and Sexuality: A look at the teaching challenges in the education of young people and adults. Monograph (Pedagogy Course) Federal University of Paraíba - UFPB, João Pessoa - PB, guided by the teacher Dr. Jeane Félix da Silva 2018, (47) p.

## **ABSTRACT**

In this work, we seek to know and reflect on the educational practices of teachers of youth and adult education (EJA) in relation to the issues of gender and sexuality, as well as the ways in which they perceive and deal with these themes in the teaching practice and in school. It is a qualitative exploratory research that had as subjects of research teachers in the public school system of Paraíba. The material was produced by conducting semi-structured interviews with six teachers from Cycles I to VI of EJA, two (2) men and four (4) women, who work in contexts characterized by diversity. In the examination of the material, the practices and the challenges posed by gender and sexuality within the school were considered. This work is theoretically anchored in authors such as Freire (1997), Furlani (2017), Louro (1997) and Scott (1994). The study shows that the teachers do not feel prepared to work with the subjects in the classroom and that, for this reason, they rely on their experiences and on the internet researches when they have to answer or explain possible questions that appear in the course of their pedagogical practices.

Keyword: Gender, EJA, Teaching Practice, Sexuality.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/AS: APRESENTANDO UM REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>19</b>
<b>3. GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES/AS DA EJA.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Como os/as professores/as da EJA percebem e lidam com questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar? .....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 Como estão sendo tratadas essas questões na prática desses/as docentes da EJA? ...</b>	<b>28</b>
<b>3.3 Qual o papel deve desempenhar o/a professor/a no que tange as questões de gênero e sexualidade na escola? .....</b>	<b>33</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>43</b>

## INTRODUÇÃO

Gênero e sexualidade, cada vez mais, ganham espaços nas discussões dos mais diversos segmentos da sociedade (mídia, escolas, família, instituições religiosas, organismos nacionais e internacionais, civis, jurídicos, universidades) e nos estudos científicos. Muito se tem debatido sobre as novas configurações que regulam ou perpassam essa temáticas, seus significados e conceitos, uns para ressignificar e visibilizar as conquistas coletivas das minorias marginalizadas, outros para desconstruir os direitos adquiridos por lutas dos movimentos sociais históricos, em nome de um sistema de ideias arbitrário, conservador e excludente. (LAFFIN, 2016; FÉLIX, 2016, JUNQUEIRA, 2017; POCAHY, DORNELLES, 2010 et al., 2018).

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), busca-se conhecer e refletir sobre os desafios educativos dos/as professores/as da Educação de Jovens e Adultos - EJA em relação às questões de gênero e sexualidade e a abordagem dessas temáticas nas escolas. Trata-se, portanto, de uma investigação qualitativa de caráter exploratório que teve como sujeitos de pesquisa professores/as da rede pública de ensino da Paraíba, atuantes em escolas localizadas em João Pessoa, Sapé, Rio Tinto e Gurugi no Conde - PB. O material foi produzido a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas com seis professores/as dos Ciclos de I ao VI da Educação de Jovens e Adultos - EJA, sendo 2 (dois) homens e 4 (quatro) mulheres, que atuam em contextos caracterizados pela diversidade.

Para a realização deste trabalho, promovi um encontro com cada professor/as em particular, com a finalidade de obter informações e responder algumas questões referente à pesquisa. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com docentes, conforme mencionado. No exame do material obtido, foram fundamentais as reflexões teóricas sobre as praticas docentes nas experiências e dos desafios colocados pelas questões de gênero e sexualidade no âmbito do desenvolvimento profissional com os professores/as no contexto que atuam.

Deste modo, esse trabalho é resultado de uma pesquisa com professores/as que atuam na educação de jovens e adultos. Nele, procuro explicitar a percepção de professores/as da EJA que atuam em contextos de diversidade acerca da abordagem das questões e gênero e sexualidade na escola.

Por contextos de diversidade, estou tomando as salas de aula situadas com grupos específicos, como indígenas, quilombolas, pessoas do campo, entre outros, ou seja, são aqueles contextos que apresentam diferenças étnicas, religiosas, econômicas, sociais e

culturais em que as relações são estabelecidas entre pessoas que atuam e vivem nestes contextos.

Reconheço que todas as escolas são espaços de diversidade, todavia, neste trabalho, dou destaque para escolas que atuam com os públicos específicos já mencionados. Espero que o material produzido no decorrer da pesquisa possa servir de subsídio para práticas educativas mais plurais, especialmente no tocante às relações de gênero e sexualidade no contexto escolar.

Assim, é com a pretensão de explorar esse fenômeno que pretendo analisar e refletir sobre gênero e sexualidade, a partir das narrativas dos/as professores participantes, acerca das seguintes questões:

- Como os/as professores/as da EJA percebem e lidam com questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar?
- Como estão sendo tratadas essas questões na prática desses/as docentes da EJA?
- Qual o papel deve desempenhar o/a professor/a no que tange as questões de gênero e sexualidade na escola?

Segundo Luckesi (1994), o ser humano emerge no seu modo de ser dentro de um conjunto de relações sociais. Nessa perspectiva, do ponto de vista social, os educadores e educadoras da EJA sentem necessidade de aceitação, de adquirirem novas experiências e de compartilhar essas experiências. O conhecimento é adquirido através da interação social.

Assim, percebo que a construção do conhecimento não acontece de maneira linear, na medida em que constituem-se em importantes etapas de um processo de aprendizagem, que acontecem a partir da relação do indivíduo com o meio social, considerando suas experiências de vida no contexto escolar, reveladas por organização hierárquica, normas, procedimentos, valores, crenças.

Este TCC tem como **objetivo geral** identificar e analisar as práticas educativas de professores da Educação de Jovens e Adultos - EJA sobre questões de gênero e sexualidade no contexto em que atuam.

Os **objetivos específicos** são: compreender como os/as professores/as da EJA percebem e lidam com questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar; entender como estão sendo tratadas essas questões na prática docente da EJA; perceber qual o papel devem desempenhar os/as professores/as no que tange as questões de gênero e sexualidade na escola; e analisar as práticas pedagógicas de professores/as sobre gênero e sexualidade no contexto da Educação de Jovens e Adultos EJA.

Do ponto de vista de sua organização, o presente trabalho está dividido em quatro partes: na primeira, apresento o referencial teórico que sustenta as discussões aqui propostas; na segunda, apresento a metodologia utilizada na realização da pesquisa; na terceira parte, apresento os resultados da pesquisa, construídos a partir das entrevistas realizadas com professores e professoras da EJA. Ao final do trabalho, apresento as considerações finais.

## **1. GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/AS: APRESENTANDO UM REFERENCIAL TEÓRICO**

Levar as questões relacionadas a gênero e sexualidade para dentro da escola, especialmente para a sala de aula, não é tarefa fácil, exige o conhecimento de conceitos e especificidades sobre os temas. Tal tarefa exige, ainda, a compreensão de como tais questões se articulam no cotidiano da escola. O grande desafio hoje para a escola e para os/as docentes é reconhecer e discutir as relações de gênero e sexualidade no contexto escolar e em particular na EJA, como elemento inseparável da identidade de seus educandos/as, pois esse reconhecimento implica na superação de qualquer tipo de preconceito e ensinar o/a educando/a a valorizar as especificidades dos grupos que compõem sua escola, seus vínculos afetivos e a sociedade.

Nesse sentido trabalhar com Gênero e Sexualidade implica compreender e conceituar: Gênero e Sexualidade. Conceituar o Gênero é imprescindível para que se possa compreender a maneira como papéis sociais são culturalmente elaborados e transmitidos, com a expressiva participação da escola, por meio da qual tais princípios e valores tem sido perpetuados ou questionados a ponto de colocar em dúvida padrões há muito estabelecidos, baseados em desigualdade decorrentes de sexismo. É preciso considerar que a escola possui papel fundamental no que diz respeito à manutenção dos preconceitos e estereótipos.

Guacira Lopes Louro procurou mostrar em seu livro *Gênero, Sexualidade e Educação* (1997) algumas características e as alternativas do conceito de gênero. Para a autora diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. O que quer dizer que agir e sentir-se como homem e como mulher é preciso que, “[...] se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade [...] não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos” (LOURO, 1997, p. 21), dependendo de cada contexto sociocultural.

As relações de gênero e sexualidade são social e culturalmente construídas, isso implica dizer que elas são dinâmicas, não são dadas naturalmente, nem são permanentes. Diferentes culturas constituem, de maneiras diversas, o sentido das práticas de gênero e sexualidade, assim como os sujeitos e seus lugares sociais de modo que:

A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas

dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p.11).

Gênero e sexualidade são marcadores identitários que vão se inscrevendo em nossos corpos ao longo dos processos educativos que vivemos na família, na escola e outros grupos de convivência. No interior destes espaços educativos, imposições culturais vão produzindo corpos adequados aos critérios morais, estéticos e de poder vigentes. Nesse sentido, a autora ressalta ainda que “o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (LOURO, 1997, p.23).

Para Scott (1994), o gênero não é um conceito que descreva as relações entre homens e mulheres, mas uma categoria teórica referida a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, significados estes que são utilizados na compreensão de todo o universo observado, incluindo as relações sociais e, mais particularmente, as relações entre homens e mulheres. Deste modo, a autora oferece-nos uma definição de gênero que parece bastante dialética:

[...] gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo, já que nada no corpo, [...] determina univocamente como a divisão social será definida. (SCOTT, 1994, p. 13)

Para Scott (1994), portanto, as relações entre os sexos são construídas socialmente, dessa forma, ela agrega tanto construção de saber, quanto relação de poder em sua definição de gênero. Segundo Furlani (2016, s.p.), “o gênero é tudo aquilo que a sociedade e a cultura esperam e projetam, em matéria de comportamento, oportunidades, capacidades etc. para meninos (homens) e para as meninas (mulheres).” Furlani explica que o conceito de gênero surgiu porque se tornou necessário mostrar muitas das desigualdades na vida social decorrentes da crença de que a biologia nos faz pessoas diferentes, inferiores ou superiores a outras, incapazes ou merecedoras de alguns direitos e que não se nega essa biologia, porém, que ela não define nosso destino social:

Os métodos e os artefatos escolares, as linguagens envolvidas nos processos de comunicação, as atitudes pessoais diante do que é dito e do que não é dito na escola, tudo isso nos constitui: meninas e meninos, mulheres e homens, negros, brancas, indígenas, gays, heterossexuais, negras, lésbicas... Essa construção das identidades culturais é um processo permanente, articulado por inúmeras

instâncias sociais (entre elas a Escola) que realiza pedagogias da sexualidade, do gênero e das relações étnico-raciais. Essas pedagogias podem tanto reiterar as identidades e as práticas hegemônicas, quanto podem permitir a visibilidade e a disponibilidade de representações contrárias e/ou alternativas (FURLANI, 2009, p. 293).

As reflexões acerca das discussões de gênero, no contexto atual, auxiliam na mediação e na aproximação com outras identidades, como raça/etnia, classe social, religião, nacionalidade, condição física, orientação sexual, posição da mulher na sociedade, da aceitação dos novos arranjos familiares, dos novos relacionamentos afetivos, ampliando a forma de ver os sujeitos contemporâneos e o reconhecimento da chamada diversidade sexuais e de gênero.

Além do conceito de gênero, alguns autores/as e documentos também abordam a necessidade do trabalho educativo acerca da sexualidade nas escolas. A maioria dos/as estudiosos/as considera que a sexualidade supõe ou implica mais do que corpos, que nela estão envolvidos “ rituais, linguagens, fantasias, representações... Processos profundamente culturais e plurais (LOURO, 2000. pp. 5-6), representações, comportamentos, mobilizados ou postos em ação para “expressar desejos e prazeres – [...] socialmente estabelecidas e codificadas.[...] compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (LOURO, 2000. p.6).

Nesse sentido, “a sexualidade é uma construção humana, histórica e cultural. E, assim contextualizada, “ela” precisa ser refletida, discutida no ambiente escolar, haja vista ser o espaço privilegiado para a construção do conhecimento historicamente produzido” (CARNEIRO, 2010. p.4), assim sendo a sexualidade é construída através de inúmeras aprendizagens e práticas desenvolvidas por meio da escola, família, igreja e por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, representando, informando, expondo ou explicando as ações humanas no cotidiano, como resultado das relações sociais.

É um processo minucioso, sempre incompleto em que o sujeito está inserido e que produz a sua própria sexualidade, constituída através dos “discursos que normatizam e instauram saberes, que produzem ‘verdades’” (LOURO, 2000, p.6).

A escola e os/as professores/as são responsáveis por contribuir na formação da identidade dos sujeitos, sendo necessário na vivência escolar, aonde muitos experimentam de forma articulada às noções de corpo, gênero e sexualidade. A escola, nesse sentido, deve ser um local de troca de experiências, de compartilhamento de saberes, de diálogos e de aprender sobre as formas que permitam a convivência, em igualdade e na diferença.



Entre os documentos normativos que institucionalizaram a abordagem das questões de gênero e sexualidade na escola, encontram-se os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998). Os PCN apontam que:

As manifestações da sexualidade, diferentes em cada etapa do desenvolvimento, são uma excelente oportunidade para os professores desenvolverem um trabalho não previamente programado. A sexualidade gera nos alunos grande variedade de sentimentos, sensações e dúvidas. Suas manifestações são espontâneas, acontecem inevitavelmente e os professores precisam estar preparados para lidar com elas (BRASIL, 1998, p. 308).

Cabe destacar que os PCN foram caindo em desuso pelo próprio Ministério da Educação – ME, e sendo substituídos por outros documentos vinculados a projetos como o Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) e o Programa Saúde na Escola (PSE), conforme sinaliza. Cabe destacar, ainda, que os termos gênero e sexualidade foram sendo suprimidos, desde 2010, de diversos documentos e políticas públicas, conforme sinaliza Félix (2016).

As questões de gênero e sexualidade, presentes em nosso dia a dia, convidam-nos a conviver com diferenças de todas as ordens, exigindo que a escola mantenha uma cultura baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos e na noção de cidadania partilhada por todos/as. Acredito na importância da abordagem desses temas na prática pedagógica, no cotidiano da escola e da sala de aula, de modo que não ocorra somente por discursos.

Os conceitos de gênero e sexualidade trazem a ideia de algo diverso a uma forma, de plural em relação a um modelo. É como se igualar “[...] o significado que possuem as diferenças culturais com leves pluralidades, com ligeiras diversidades que apenas se questionam sobre a hegemonia da normalidade” (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 120). A abordagem desses conceitos precisa ser observada de forma ampla, deste modo, é preciso diálogo, reflexão para que se possa reconstruir informações, pautando-se sempre pelo respeito a si próprio e ao outro. Para isso, é preciso que professores/as e alunos/as consigam interagir, transformar, reafirmar, concepções e princípios, construindo de maneira coletiva e significativa no dia a dia a prática educativa para a construção de uma sociedade mais justa.

Trabalhar gênero e sexualidade na Educação de Jovens e Adultos - EJA é de fundamental importância, já que nos tempos de hoje, jovens, adultos/as, idosos/as e, também, os/as docentes no dia a dia da vida e da escola, vem sendo interpelados/as por uma quantidade de informações distorcidas e confusas sobre os temas aqui observados. Nos últimos anos, muitas informações sobre gênero e sexualidade têm sido disseminadas

equivocadamente em várias esferas, particularmente, pela internet e isso tem preocupado pais, mães e professores/as. No caso da educação de jovens e adultos, a preocupação não é exatamente com a iniciação da vida sexual, os incômodos se dão por uma confusão conceitual em relação às questões de gênero e sexualidade, como se a abordagem desses temas fossem estimular práticas sexuais, quando elas tratam de questões vinculadas à vivência saudável da sexualidade, a convivência com a diversidade, o enfrentamento das desigualdades entre mulheres e homens e das violências.

Acredito que a escola, ao desenvolver essa temática, visa contribuir com a formação de sujeitos conscientes e que respeitam a diversidade de formas de ser e estar no mundo. Através de atividades educativas específicas (com abordagens dinâmicas e críticas, debates livres, palestras, entre outras) que valorizem e contextualizem a realidade dos sujeitos, proporcionando aos alunos e alunas o esclarecimento de suas dúvidas, ajudando a sensibilizá-los/las sobre as diversidades existentes na sociedade. Nesse sentido, aposto na abordagem desses temas também na Educação de Jovens e Adultos, modalidade educativa sobre a qual me debruço neste trabalho.

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

Com base nos objetivos estabelecidos, esta pesquisa qualitativa de caráter exploratório foi desenvolvida por meio de uma entrevista com (6) seis professores/as atuantes na educação de jovens e adultos.

Para Minayo (2001. p. 22), a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Ou seja, este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Segundo Gonçalves (2014, p 98), a pesquisa exploratória visa à descoberta, o achado, a elucidação de fenômenos ou a explicação daqueles que não eram aceitos apesar de evidentes. Essas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. “[...] Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que ‘estimulem a compreensão’.” (SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 63 apud GIL, 2002, p. 72 ).

Desse modo, o material desta pesquisa foi produzido a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas. Esse processo consistiu, inicialmente, em selecionar e contatar professores e professoras da EJA que atuassem em contextos de diversidade. Esses/as professores/as foram encontrados/as a partir de um contato prévio, com os/as participantes, por eu já conhecê-los de outras experiências, tais como alguns com projetos da academia ou mediados por colegas estudantes do curso de Pedagogia que conhecem, convivem, trabalham ou residem nestas comunidades ou próximo delas. No segundo momento, os/as professores/as mapeados/as foram convidados/as a participar das entrevistas. Neste TCC, compreendo entrevista semi-estruturada como a técnica de coleta de dados na qual o/a entrevistado/a é solicitado/a a falar livremente a respeito do tema pesquisado, através de questões abertas, proporcionando uma maior liberdade de expressão aproximando seu ponto de vista com a realidade, buscando uma visão geral do tema (MINAYO, 1995).

O interesse pelo tema em questão surgiu a partir de uma atividade de estudo temático que resultou na realização de um vídeo com o tema “Educação Gênero e Sexualidade – O eu, o outro e nós”, que produzi para disciplina de Seminário Temático VII do curso de Pedagogia - UFPB – Período 2017.1. A partir dessa atividade, passei a me interessar por esses temas e a querer compreender como eles se articulam na prática pedagógica de professores/as da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Por isso, ao longo desta pesquisa, busquei conhecer e refletir sobre algumas das percepções e das estratégias educativas utilizadas por alguns/as professores/as no que diz respeito às relações de gênero e sexualidade aplicada na EJA.

Após o primeiro contato realizado com cada docente, foram agendados encontros individuais, nos lugares de suas preferências. Antes de começar cada uma das entrevistas, lhes pedi autorização para que elas fossem gravadas em áudio e vídeo para facilitar sua posterior transcrição ou mesmo a retomada de cada uma delas, caso fosse necessário, o que foi concordado por todos/as os/as professores/as. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, com o consentimento dos/as participantes, conforme expresso no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice 1).

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semi-estruturado (Apêndice 2) contendo 14 perguntas, as quais articulavam as questões de gênero e sexualidade com as experiências docentes dentro das escolas.

Considerando que, neste caso, a entrevista é uma excelente técnica para se coletar dados não documentados sobre determinado tema, sendo também, uma técnica de interação social, que toma por objeto de análise toda a situação e o contexto criado no decorrer da entrevista, não se centrando apenas na dualidade pergunta e resposta, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação (GERHARDT et al., 2009, p.72).

As entrevistas ocorreram nos horários e locais escolhidos pelos/as participantes, ou seja, em seus respectivos contextos sociais, onde atuam e desenvolvem suas atividades docentes. Como já sinalizei, nesta pesquisa trabalhamos com 6 (seis) professores/as que atendem ao Ciclos de I ao VI da Educação de Jovens e Adultos em escolas da rede pública de ensino da Paraíba, em contextos caracterizados pela diversidade, sendo 2(dois) homens e 4 (quatro) mulheres. Os/as professores/as participantes da pesquisa pertencem aos quadros efetivos de instituições escolares localizadas nos municípios de João Pessoa, Sapé, Rio Tinto e Gurugi no Conde - PB. Entre os/as professores/as entrevistados/as, destacam-se as seguintes formações: todos com curso superior(Letras, Pedagogia,

Comunicação, Geografia), com especialização em (EJA, PROEJA, Educação do Campo, Agricultura Familiar, Supervisão e Orientação Educacional), que trabalham como professores/as a mais de 10(dez) anos e com a EJA – Educação de Jovens e Adultos, a pelo menos 7(sete) anos. É importante sinalizar que as instituições, a formação, as localidades, o tempo de serviço e a idade desses professores e professoras não estavam dentro dos requisitos exigidos para que os/as professores/as participassem deste estudo.

Os/as participantes desta investigação são professores e professoras que interagem na docência da EJA, nos espaços do cotidiano da escola durante o ano letivo e, muitos deles/as, pertencem a mesma comunidade onde atuam. São professores/as de caráter multidisciplinar, que realizam um trabalho com estudantes dos Ciclos de I ao VI da modalidade da Educação de Jovens e Adultos - EJA no turno da tarde e noite. Cabe destacar que foram escolhidos nomes fictícios com vistas a proteger seu anonimato e, com isso, garantir esse aspecto ético.

Considerando que esses/as professores/as atuam em contextos caracterizados pela diversidade, o público que atendem e ensinam estão na faixa etária entre 15 a 70 anos e vivem em bairros e comunidades de João Pessoa, Sapé, Baía da Traição e Gurupi no Conde – PB. Esses/as alunos/as desenvolvem as mais diferentes atividades ocupacionais, entre eles/as: pescadores/as, agricultores/as, donas de casa, domésticas, artesãos/as, garis (agentes de limpeza), catadores/as de acerola, cortadores/as de cana de açúcar, podadores/as, trabalhadores/as do mangues (catadores/as de caranguejo e marisco). Cabe sinalizar que alguns desses/as alunos/as, segundo os/as professores/as entrevistados/as, estavam em situação de desemprego durante a realização da pesquisa.

#### **Quadro 1: PERFIL DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

<b>PROFESSOR(A)</b>	<b>IDADE</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>CAMPO DA PESQUISA</b>	<b>TEMPO DE ATUAÇÃO</b>
<b>ESTELA</b>	<b>59 anos</b>	<b>COMUNICAÇÃO PEDAGOGIA LETRAS</b>	<b>COMUNIDADE PESCADORES/AS</b>	<b>25 anos</b>
<b>FRANCIS</b>	<b>39 anos</b>	<b>PEDAGOGIA</b>	<b>ESCOLA URBANA</b>	<b>10 anos</b>
<b>MARIA</b>	<b>40 anos</b>	<b>PEDAGOGIA</b>	<b>ESCOLA ANEXO PMJP</b>	<b>20 anos</b>
<b>JOÃO</b>	<b>32 anos</b>	<b>PEDAGOGIA</b>	<b>ASSENTAMENTO RURAL</b>	<b>07 anos</b>
<b>DANDARA</b>	<b>55 anos</b>	<b>GEOGRAFIA</b>	<b>QUILOMBO</b>	<b>32 anos</b>
<b>YARA</b>	<b>48 anos</b>	<b>PEDAGOGIA LETRAS</b>	<b>ALDEIA INDÍGENA</b>	<b>24 anos</b>

**FONTE: dados da pesquisa**

Como é possível perceber no quadro 1, os/as professores/as possuem entre 32 e 59 anos com, no mínimo 07 anos de atuação docente. A seguir, passo a apresentar as percepções dos/as professores/as sobre gênero e sexualidade, eixos centrais deste TCC.

### **3. GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES/AS DA EJA**

Neste capítulo, apresento os resultados das entrevistas realizadas com os/as professores/as atuantes na EJA. Esses resultados foram organizados a partir de três questões analíticas, quais sejam: Como os professores /as da EJA percebem lidam com questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar? Como estão sendo tratadas essas questões na prática docente da EJA? Qual o papel deve desempenhar o professor/a no que tange as questões de gênero e diversidade sexual?

Foi possível observar, conforme ilustram as transcrições das entrevistas a seguir, as dificuldades e os desafios, que os/as docentes investigados/as que atuam na EJA, têm em trabalhar com as temáticas de gênero e sexualidade na escola, e não só com esse tema particularmente, mas de maneira geral tudo o que está relacionado às questões da diversidade.

Todos/as afirmaram que trabalhar com a EJA é prazeroso e gratificante, embora existam receios por conta das pressões da atual conjuntura política e das reformas educacionais atuais que geram conflitos e inseguranças para toda categoria docente, a falta de estrutura das escolas, de material de expediente, cursos de formação que preparem em áreas específicas para atender a demanda de informações e debates que a atividade docente precisa.

#### **3.1. Como os/as professores/as da EJA percebem e lidam com questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar?**

Pelas falas dos/as professores/as, examina-se, no primeiro momento, se existe alguma diferença entre homens e mulheres e, nesse caso, que diferenças seriam essas. Os/as participantes apresentaram certa generalização, evidenciando algumas diferenças, que para eles/as, estão pautadas nos aspectos físico, “orgânico”, masculino, feminino, homem, mulher, no ponto de vista, nos interesses tal qual descrevemos a seguir:

[...] existe uma diferença física né? (PROFESSORA ESTELA).

[...] na questão orgânica, física tem a diferença né isso? (PROFESSOR FRANCIS).

[...] existe o masculino e o feminino, [...] Deus criou o homem e a mulher, ambos são diferentes né? (PROFESSORA MARIA).

[...] as diferenças foi criado muito por questões sociais, “você pode isso e eu posso aquilo” e dentro da minha sala de aula e vejo muito isso, do que a “mulher

pode isso do que a mulher não pode fazer aquilo” o homem não, o homem é aberto a fazer o que ele quiser (PROFESSOR JOÃO)

[...] homens e mulheres são diferentes, [...] têm ponto de vistas diferentes, interesses diferentes (PROFESSORA DANDARA).

[...] Existe uma luta constante no dia a dia entre homens e mulheres em todos os sentidos (PROFESSORA YARA).

Nessa direção, Guacira Louro (1997) chama atenção para, “[...] o fato de que a atribuição da diferença está sempre implicada em relações de poder, a diferença é nomeada a partir de um determinado lugar que se coloca como referência”. Ou seja, voltados para os diversos marcadores sociais, tais como gênero, classe, sexualidade, aspectos físicos, econômicos, materiais, religiosos. Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero (LOURO, 2000, p. 17)

Essa demarcação das diferenças articuladas, conforme destacadas nas falas dos/as professores/as parece sugerir uma conformação aos arranjos das relações entre homens e mulheres, parecendo indicar que se aceita, ou até que se veem com bons olhos essas relações tal como elas estão atualmente colocadas. Segundo Louro (1997) Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe ... Buscando através desses mecanismos, visibilidade, pertencimento, equidade e vida, em meio às relações de poder.

Do mesmo modo a maior parte dos professores, afirmam que a depender disso, homens e mulheres são semelhantes em termo intelectual; biológico; de direitos; de igualdade; de vivencias; de sexualidade; como mostra os trechos abaixo:

[...] a depender disso a gente pode não dizer que são iguais em termos biológicos, [...] em termos de, de direitos e de igualdade de capacidade intelectual a gente sabe que não existe isso né,(PROFESSORA ESTELA).

[...] assim na questão intelectual a gente tem que trabalhar com abertura de mentes, quebra de tabus, que o adulto quando chega numa escola ele tem alguns preconceitos, tem também os seus, as suas falta de conhecimento do outro, (PROFESSOR FRANCIS).

Agora assim, na questão da vivencia do dia a dia a mulher estar de igual pra igual com o homem, (PROFESSORA MARIA).



[...] nenhum ser humano é diferente do outro, independente do Gênero se é homem ou mulher, creio que o respeito enquanto pessoa a gente temos que respeitar a pessoa primeiramente como ser individual, (PROFESSOR JOÃO).

[...] quando se trata de tarefa assim escolares dependendo do tema que você está trabalhando, tem tema que faz com que a turma faça aquela discussão acirrada né, mas na maioria das vezes eles trabalham em pé de igualdade (PROFESSORA DANDARA).

[...] homens e mulheres são iguais, em relação à sexualidade, (PROFESSORA YARA).

Nesse sentido, Scott observa que essa lógica representa uma armadilha, uma "falsa dicotomia", já que igualdade é um conceito político que supõe a diferença. Segundo ela, não há sentido em se reivindicar a igualdade para sujeitos que são idênticos, ou que são os mesmos. Na verdade, reivindica-se que sujeitos diferentes sejam considerados não como idênticos, mas como equivalentes. (apud. Louro, 1997.p.46).

Essas questões nos remetem para a temática da diferença, das desigualdades, do poder e nos servem como referência para sugerir onde olhar e como olhar tais diferenças e desigualdades no espaço escolar. A complexidade da diferença, da igualdade, da vida e da escola, certamente nos faz perceber inconclusos/as, inacabados/as, como pressupõe Freire (1997), nessa direção, nunca estaremos totalmente aptos/as e muito pouco sabemos do que nos aguarda nas relações com as diferenças. O que nos compete agora é sairmos do lugar do saber e do poder sobre o outro/a e nos abriremos para o deslumbre que é o encontro com o outro (FERRE, 2001; LARROSA, 1998), que é aquilo que nos desafia e certamente nos transformará. Uma transformação libertadora voltada para formação consciente e crítica, que nos permita sermos atuantes na sociedade, no intuito de nos transformarmos a nós mesmos e a realidade que nos cerca.

A escola, apesar de ser um espaço onde as diferenças sempre existiram, nem sempre reconheceu sua essência ou a considerou na sua complexidade. Durante muito tempo, negou-se a existência das diferenças no processo pedagógico: a escola era (ainda é) o espaço de homogeneização. Nessa perspectiva, é indispensável entender como os professores e professoras trabalham e lidam com essas relações dentro do ambiente escolar. Para ilustrar essa situação, apresento a fala da professora ESTELA, que afirma:

“[...] eu nunca eu tive problema na EJA com essa diferença de se sentir é descriminalizado, de se sentir melhor com homens e mulheres no mesmo grupo, [...] agora com jovens, com a turma só de adolescentes nós temos mais isso. [...] a diferença do público da EJA, especificamente da EJA agora, depende da experiência de vida que eles tiveram. Quem trabalha com comércio independente de ser homem ou mulher são tão bons em matemática independente do sexo,[...] o que eu noto é a experiência que eles tem.”

Nesse excerto, ela diz que “nunca teve problema” em relação à diferença, com os/as alunos/as da EJA quando eles/as estão trabalhando no mesmo grupo, que sejam eles homens ou mulheres. Diz ainda que esses problemas acontecem mais quando algumas situações envolvem adolescentes, se referindo ela a outra escola que trabalha e que, no caso da EJA, se trata de um público diferenciado, pois o que vale mesmo nessa questão é a experiência que os sujeitos possuem. Nesse âmbito, a professora chama atenção para uma dimensão geracional, ou seja, as questões de gênero e sexualidade preocupam mais ou são mais difíceis de lidar, com pessoas mais jovens, especialmente, adolescentes. Ainda sobre o trabalho com as diferenças na EJA, a professora destaca:

“[...] eu tenho alunas que já passaram por aqui que [...] conseguiu um emprego de assistência técnica de consertar maquina de lavar e ela foi à minha casa consertar a minha maquina de lavar, quando eu cheguei o meu esposo disse: “uma mulher!” Eu disse: “é uma mulher e ela vai consertar!”[...] ela deixou a maquina pronta, [...] perguntei se ela sofria algum preconceito e ai ela disse assim: “professora o povo se espanta e a gente às vezes tem que dar uma de machona assim, pra pensar que a gente é macho pra ser respeitada, mas eu não sou macho, eu sou feminina, sou casada[...] eu conto isso pra meus alunos mais eles acham engraçado isso”(PROFESSORA ESTELA).

Tal narrativa conduz para a realização de uma prática pedagógica não apenas no âmbito da escola, mas também, da comunidade, valorizando as experiências cotidianas dos sujeitos como forma de transformação e valorizando do ensino aprendizagem, resultado da vida do povo. A escola não pode ser compreendida como o único responsável pelas transformações sociais, mas tem uma responsabilidade muito grande nesse processo, na medida em que pode ensinar as pessoas a tomarem consciência de condições de desigualdade nas quais estão inseridas e criar, coletivamente, estratégias para superar tais situações.

Em relação às diferenças na escola, o professor FRANCIS diz:

“[...] presto muito atenção no interesse, num é o gênero que vai dar a resposta correta quando você vai avaliar “A ou B” mais a sua vontade de aprender, o seu interesse de estar naquele ambiente de sala de aula, assim não há uma diferença, ah! o homem é menor, a mulher é menor em termo de conhecimento, o que interfere mesmo é a vontade de aprender, [...] não faço distinção por ser homem, por ser mulher, por ser homo, tem que ter uma aula diferenciada, [...] a metodologia, o professor tem que adaptar e especificar pra cada realidade na sala de aula.

Como podemos perceber, para ele, o que importa é o empenho, não é o “ser homem, mulher, homo” que vai interferir no “modo dele avaliar A ou B mais o interesse e a vontade do aluno aprender no ambiente da sala de aula” e que, no fim de tudo, o diferencial está na metodologia, pois o/a professor/a tem de adaptar os conteúdos à

realidade do aluno, despertando para a consciência do sentido do seu existir. Nesse sentido, a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem, de organização e valorização do fazer escolar para formar pessoas reflexivas e participantes do processo de desenvolvimento humano, isso significa saber que o processo educacional é um dos meios de luta para as transformações sociais.

Já professor JOÃO observa:

“[...] sempre tento trabalhar com eles essa dinâmica do respeito, e não existe uma pessoa mais inteligente ou menos inteligente por questão de Gênero, [...] não existe uma pessoa inteligente ou menos por questões, de condição social”.

Ele diz que não é o gênero nem a condição social que classifica a inteligência do ser homem ou mulher ou que um é menos ou mais do que outro, até porque ele trabalha a dinâmica do respeito e que, portanto isso contribui na igualdade de direitos e contribui para o enfrentamento das desigualdades dentro da sala de aula.

As professoras Maria, Dandara e Yara destacam os modos e o comportamento dos/as alunos/as frente às questões que envolvem o gênero e a sexualidade, dando ênfase, em particular, a dedicação, a perseverança, aos interesses e a vontade de aprender das alunas/mulheres no espaço da sala de aula, na contra-mão desse discurso elas relatam o desinteresse, a falta de comprometimento e de objetivo dos alunos/homens frente a presença e a participação nas aulas. Cabe destacar que as falas das professoras são produzidas por meio de discursos generificantes que posicionam as mulheres como mais interessadas e os homens como menos interessados em relação aos estudos. Cabe destacar, também, que essas e esses estudantes foram educados/as, ao longo de suas vidas, por pedagogias de gênero, que ensinam como mulheres e homens devem se comportar nos diferentes espaços sociais. As falas das professoras são destacadas a seguir.

A professora MARIA afirma que:

“[...] o sexo feminino ele é mais dedicado e ele assimila melhor, o homem ele é um pouco mais lento, é claro existe homens bem mais esperto, mais assim, a mulher não sei por ser o sexo frágil ela quer alcançar mais rápido aquele objetivo, a mulher se desempenhar mais em sala de aula.”

A professora DANDARA ressalta:

“[...] geralmente as mulheres são mais interessadas né, apesar delas ter uma jornada de trabalho de hs. 24:00 por dia mais elas chegam menos cansadas na escola, com mais vontade, com mais sede de aprender, os homens né, daqui a pouco você tá vendo um ali cochilando, outro desinteressado, outro diz “eu vou ali” demora pra voltar pra sala de aula né, a gente percebe que a mulher é mais perseverante na questão da vontade de saber mesmo.”

E a professora YARA:

“[...] têm meninas bem jovens né 18, 19, 20 anos e tenho mulheres que tem 40, 42, 43, que hoje essas meninas estão trabalhando na prefeitura e que aí tem uma história se não tiver um curso vão terminar saindo, eu também vejo esse lado essa vontade de aprender por conta disso, é por conta da instituição que está cobrando né, então essas meninas, digo meninas mais mulheres, mãe de famílias, elas estão desenvolvendo melhor e mais rápido do que esses meninos mais jovens, [...] agora não são homogêneas né, a gente vê que é heterogênea mesmo, uns aprende mais rápido outros menos.”

As professoras discorrem sobre a existência das relações centradas unicamente na função dos/as educandos/as através de atitudes narradoras e despertadoras, presentes no meio educacional, nas quais as experiências são apresentadas como “retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganharia significação” (FREIRE, 1997, p. 57). Parte da proposição da prática pedagógica vinculada à reflexão, a libertação e a transformação do homem e da mulher nos espaços de aprendizagem são concebidos como um repositório, em que são depositados saberes tidos como essenciais por aqueles/as que pensam a ação pedagógica, porque estes/as trazem para dentro dela um mundo rico em vivências e saberes. Desse modo, “a escola como um espaço de ensino-aprendizagem será então um centro de debates de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência” (FREIRE, 1991, p. 16).

### **3.2. Como estão sendo tratadas essas questões na prática docente da EJA?**

Neste item, apresento como as questões de gênero e sexualidade são abordadas na prática pedagógica dos/as professores/as participantes da pesquisa, no contexto das escolas de EJA em que atuam.

Nessa direção, a professora ESTELA nos conta que:

“[...] Já tivemos várias alunas aqui que disse eu vou estudar! E ainda trouxe o marido pra estudar também [...] foram criados os “Filhos da EJA” porque os pais não ficam com os filhos em casa, então eu pergunto a cada um delas é, “seu esposo trabalha a noite?” Elas dizem “não”, seu esposo tá em casa? “ah! Mais eles não ficam com os meninos não, ele diz que isso é problema meu” [...] então elas trazem os filhos [...] muitas trazem as crianças pequenas, pra que elas possam estudar”.

Nesse caso, a professora destaca que algumas de suas alunas afirmam que querem estudar, mesmo contrariando os companheiros, e que muitas delas, na contra-mão desse fato, trazem seus companheiros para estudar. Outro aspecto a considerar nesta fala é que, a maioria deles não quer ficar com os filhos e filhas para que as esposas estudem, por isso, a instituição criou os “Filhos da EJA”, como uma forma da escola contribuir para a

permanência dessas mulheres-mães que são suas estudantes. Percebe-se que a professora Estela se interessa pela questão e se envolve diretamente no assunto, criando provocações e questionamentos para que as alunas e seus companheiros dialoguem e reflitam sobre a situação, promovendo reflexões sobre as desigualdades de gênero, que sobrecarregam as mulheres com o cuidado com os/as filhos/as, desresponsabilizando os pais com o cuidado compartilhado. Nesse sentido, ela esclarece que trabalha essas questões e, para isso, se vale de algumas ferramentas, como vídeos, poesias, fábulas, contos urbanos e até mesmo exemplos da “vida real” dos/as próprios alunos e alunas. Segundo a professora:

“[...] tem um videozinho muito interessante que a gente passou é “O sonho impossível” que é um desenho animado né e quando a gente passou muitos se identificaram e os homens que estavam aqui ficam mudos, calados né porque se envergonham, [...] a gente trabalha muito essas discussões, através de textos de contos é bem interessante e não é ruim não! Eles aceitam bem”(PROFESSORA ESTELA).

Nessa direção, a professora ESTELA destaca outra situação que lhe incomoda e que, segundo ela, acontece com frequência na escola entre os/as próprios colegas de profissão e observa:

“[...] tem projeto ou evento na escola os professores são as cabeças pensantes né, agora pra quem bota a mão na massa de sentar no chão, rasgar tudo, trabalhar até alta hora da noite, [...] Quer dizer que o homem tem que pensar e a gente tem que executar o que vocês pensam,[...] na educação básica na primeira fase se conta nos dedos os homens que trabalham com os chamados polivalentes, que eu nem gosto desse nome, prefiro chamar professor generalista e especialista, [...] é uma coisa que a gente vê dentro da própria escola,[...] porque os professores mulheres trabalham mais na hora de botar a mão na massa nos trabalhos da escola e eles se safam porque não tem muito jeito pra isso, [...]dentro da Sala de Aula.”

Ela se queixa que as professoras mulheres, dentro da escola, trabalham mais que os professores homens na educação básica e que se “conta nos dedos” os professores homens - os chamados “polivalentes”, que ela prefere chamar de especialistas - não dão conta dos trabalhos que demandam as atividades no âmbito organizacional e funcional da escola, o que ela chama de “por a mão na massa mesmo”. Segundo a professora, eles acabam “se livrando” das responsabilidades que cabem também a eles por “não terem jeito” para o manejo de algumas atividades dentro da sala de aula. É preciso atentar para o fato de que essa “falta de jeito” dos homens para lidar com algumas atividades também é produzida por meio de expectativas sociais generificadas, que ensinam a mulheres e homens coisas diferenciadas, esperando delas e deles comportamentos também diferenciados. Nesses casos, a escola deve promover situações que envolvam os professores homens para que eles aprendam a desenvolver atividades que não sabem mas que são de sua

responsabilidade, para evitar sobrecarregar suas colegas mulheres. A professora ainda sinaliza:

[...] já venho trabalhando também há muito tempo, que pra ser menina não precisa ser meiga, pra ser menina não precisa ser esta sempre andando de vestido né, então não é a roupa nem a maneira de ser das suas escolhas que vão definir que você é homem ou mulher, [...] quando começa ter essas discussões né, através geralmente de textos, aí passamos outras culturas, [...] dentro das temáticas desenvolvidas, [...] e não só tirar um dia pra se trabalhar isso.(PROFESSORA ESTELA)

Percebe-se nesses recortes da professora ESTELA, que ela tem buscado ou pelo menos tentado abordar e inserir na sua prática pedagógica conteúdos, representações e significados no que tange as questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar, em particular na sua sala de aula com os alunos e alunas da EJA. A professora faz desse ambiente um espaço de aprendizagem, debates e reflexões críticas, no enfrentamento às desigualdades e diferenças de gênero, mostrando que os ensinamentos e as aprendizagens sobre esses temas, entre outros, vão muito além daquilo que se convencionou chamar de “conteúdos formais”. Nessa mesma direção, o professor FRANCIS declara que:

“[...] a escola reflete a sociedade, se a sociedade ainda está no combate ao preconceito imagine a escola que tem a tarefa de educar, de formar o cidadão no respeito a todo ser humano e toda a diversidade”.

O discurso do professor FRANCIS traz circunscrita a responsabilidade da escola que reflete a sociedade com seus princípios, valores, comportamentos e subjetividades, que segundo ele, ainda luta contra os preconceitos e questiona, quanto mais “a escola que tem a tarefa, de educar, de formar pessoas, seres humanos na diversidade” e prossegue dizendo que: “[...] a gente tem que desconstruir e transformar essa confusão em uma união em algo que basta ser respeitado para que todos se der bem na escola e na vida.” Nessa fala, ele deixa claro que é preciso desconstruir os discursos e estereótipos para se buscar o respeito e a vida. O professor FRANCIS parece ser bastante eclético, buscando sempre dinamizar e ilustrar as atividades na sala de aula, e expõe:

[...] eu trabalho com muita poesia, transformo alguns relatos em forma de poesia... Sempre uso o Cordel que é uma forma poética da gente quebrar os preconceitos em forma de verso e assim pratico essas atividades e também em forma de palestra, a gente convida algumas entidades que trabalhem as questões de gênero, estão aqui sempre presente na escola pra fazer palestras visando né, reduzir esse preconceito,[...] a gente temos que está buscando né destacar o respeito (PROFESSOR FRANCIS).

Segundo a professora MARIA:

“[...] em 2012, tinha um casal Gay na sala, e assim, os colegas respeitavam certo! Só que havia momentos que queriam fazer gracinhas, principalmente no

momento da aula, [...] eu parava aula e explicava que eles tinham que respeitar as colegas [...] hoje nós temos, nós temos aluna aqui que é Lésbica, mais assim o respeito melhorou.”

Ela alega que, “[...] nós educadores precisamos ter uma preparação melhor, [...] quanto a isso, pra saber conversar pra não tá conversando besteira, pra tentar ensinar ao aluno a respeitar o colega porque cada um tem que respeitar a opção do outro”. Na fala da professora MARIA se percebe que a sala de aula é um campo cheio de desafios e os temas gênero e sexualidade perpassam no cotidiano da escola, embora existam algumas dificuldades em lidar com essa problemática, de acordo com ela, isso se deve pela falta de preparação profissional e observa: “[...] eu acho que cada tema que surgisse, cada novidade nacional a gente deveria ter um tempo, [...] para ter a preparação para passar pro seu aluno, para não passar de todo jeito, ou por desconhecimento por ser leigo, passar o conhecimento mínimo”. E completa, dizendo “[...] hoje em dia é bem mais normal, [...] mas no início eu sofri muito e eu tinha assim, muita insegurança no que falar”. A professora MARIA, apesar de ter alguns anos de experiência na escola pública, como professora do ensino Fundamental II e da Educação de Jovens e Adultos – EJA, ela demonstrou todo tempo da entrevista ser bastante insegura e por varias vezes ela menciona a falta de preparação dos profissionais e em particular dela mesma, para tratar com os temas e conceitos novos que educação tem exigido ou contemplado na sociedade atual. Isso se configura pelo fato das novas conjuntura política e reformas educacionais como já mencionei em fala anterior. O professor JOÃO relata:

“Uma vez eu levei um caderno meu, porque o caderno, a capa do caderno era uma boneca, estar até ali na sala ali, e um aluno meu viu de 15 anos, eu só tenho um de 15 anos, “e esse caderno professor?” e eu disse, “é meu” aí ele disse, “ôxe e o senhor esta usando caderno de mulher?” [...] olha vamos começar a tentar respeitar o outro, os espaços do outro, uma cor do caderno um instrumento não vai dizer o que pessoa é, enquanto ser humano, enquanto orientação sexual, enquanto indivíduo, você tem as suas opções de escolhas, [...] e ele (O CADERNO) vou utilizar até terminar, [...] então surgiu alguns comentários.”

Nesse trecho, o professor JOÃO traz uma ilustração que estamos acostumados/as a vivenciar no dia a dia da escola, mais precisamente nos anos iniciais da educação básica, que é a questão dos cadernos e mochilas coloridas, com figuras e cores destacando “o que é de menino” e “o que é de menina”. Este caso, em particular, mostra como estamos acostumados/as com essa representação social e cultural que a escola ajuda a perpetuar: a de que existem lugares socialmente estabelecidos para homens e mulheres.

Em relação à sexualidade, especificamente, à diversidade sexual, nos dizem os/as professores/as:

[...] tem um rapaz que é homossexual e foi gerando conversa, foi gerando conversa e daí a gente foi trabalhando a questão do respeito da pessoa em termo de orientação sexual, em termo de gênero, mulher e homem, porque surgiu a questão, [...] eu trabalho nesse contexto pra que a gente tenha essa sensibilização deles, [...] a gente trabalha uma semana sobre questões de Gênero e Sexualidade, Abuso, Violência do lar de casa, a gente tem esse dialogo juntos dentro da escola, então a gente esta sempre tocando essa temática, a gente esta sempre trazendo e como meu público é adulto eles ouvem uma noticia, ouviram no jornal algo, então eles sempre comentam, eles trazem alguma coisa, [...] a gente trabalha isso há um dois a três anos a gente vem trabalhando dentro das salas de aula, [...] uma coisa que vi na Universidade que eu não tenho obrigação de aceitar as coisas eu tenho obrigação de respeitá-las, do mesmo modo como tenho obrigação de respeitar o modo de ser, de viver e de ver as coisas,(PROFESSOR JOÃO).

[...] você as vezes passa duas a três horas preparando uma aula, quando chega na sala de aula você se depara com situações que requer todo um outro planejamento que você vai, bloom você mergulha dentro daquilo e aquele plano de aula ficou pra traz, então tem que ter sempre um plano “B, [...] eu já tive na minha sala de aula, é um casal homoefetivo né, duas mulheres no caso e a gente via a rejeição da turma, não só a rejeição como ficavam inibidos em conversar determinados assuntos, na frente delas eles não falavam, eles ficavam, olhavam e tal, mas por exemplo, se elas faltassem aquilo era motivo de conversa na sala de aula, [...] a discriminação é muito grande ainda, [...] professor polivalente tem que trabalhar as questões de Direito pra que o aluno fique antenado, (PROFESSORA DANDARA).

[...] a gente percebe que a sexualidade de um modo geral ela aflora em qualquer canto, muitas vezes tem menina que marcam com meninos e saem da sala e não assiste aula, o caderno passa lá o tempo inteiro, o tempo de aula passa lá e a menina tem saído com os meninos, [...] isso interfere no estudo, de qualquer forma ela saiu de casa pra estudar e nem na escola chegou quem chegou foi o caderno e no final ela vem pegar o caderno e em casa eles estão sabendo que ela esta na sala de aula, [...] nós procuramos textos, musicas, vídeos, assim porque a gente sabe que existe uma Pedagogia que a gente pode usar numa determinada turma, mais quando se trata de Jovens e Adultos, uma musica que eu usar com o aluno de 6º ano, não adianta eu levar pra o mesmo 6º ano que o Ciclo III, que não vai fluir (PROFESSORA YARA).

Os excertos das entrevistas aqui mencionadas sinalizam, entre outros aspectos, para o despreparo docente para lidar com situações envolvendo a sexualidade em sala de aula, mesmo em salas de aula de EJA. Alguns trechos mencionam a homossexualidade como uma das causas de desistência às aulas, o que se explica quando pensamos nas situações de bullying, discriminação e preconceito que esses estudantes podem vivenciar nas escolas. Por isso, é preciso que os cursos de formação docente explorem a educação para a sexualidade como um componente curricular, específico e transversal, para que os/as professores/as em formação se aproximem do tema e se preparem para lidar com situações cotidianas que o envolvam. A seguir, passo a apresentar o que os/as docentes sinalizam acerca do papel docente diante do trabalho com as questões de gênero e sexualidade.



### 3.3. Qual o papel deve desempenhar o/a professor/a no que tange as questões de gênero e sexualidade na escola?

Qual o papel que um/a professor/a deve desempenhar no que tange às questões de gênero e sexualidade na escola? Essa foi uma das perguntas mobilizadoras deste TCC. É possível perceber que, nesse aspecto, todos/as os/as professores/as pesquisados/as raciocinam na mesma direção e opinião, ou seja, todos/as relatam que o/a professor/a, nesse sentido, deve ser um/a mediador/a, um/a esclarecedor/a, tal qual estão em destaque nas falas a seguir:

“[...] Eu acho que o papel do professor nesse sentido é o papel de esclarecedor né, a gente deve ter uma função de não dizer o que é certo e o que errado, porque não existe o que é certo e o que errado, existe esclarecimento, que é possível existe isso e você pode conviver com essa diversidade, é possível você pensar diferente e é possível você conviver com essa diversidade.”(PROFESSORA ESTELA)

“Professor tem que esta sempre estudando, sempre se aperfeiçoando, [...] tem que esta sempre estudando e adaptando a sua aula, sua atividade sempre refletindo com a turma quando vê um foco de algum ato de preconceito em sala, tá chamando a atenção, tá orientando, mostrando que existe outras formas de se amar de se conhecer de viver, a humanidade é diversa, a gente tem buscar a união e a integração e o respeito entre todos.”(PROFESSOR FRANCIS)

“[...] ele deve ser um mediador, [...] assim, o educando,[...] ele é leigo,[...] ele não busca muito e a gente tem tá ali buscando, então se eu estou buscando e o aluno tem duvida, se pintar um problema desse em sala ou com o vizinho ou com filho ou com neto eu tenho que ter segurança para mediar e orientar meu aluno naquele assunto, acho que um mediador.”(PROFESSORA MARIA)

“[...] que é de tentar esclarecer, tentar juntamente com eles buscar caminho para que a gente tenha uma compreensão maior e melhor do que é,[...] um ser humano independente de qualquer coisa e depois de quanto gente, e como pessoa.” (PROFESSOR JOÃO)

“[...] tem que ser mediador/a sempre, ele/a não pode querer abrir a cabeça do aluno e plantar suas ideias, então ele/a tem que mediar na medida do possível tentar a mentalidade de alguns,[...] a gente esta nesse processo, a gente tem que esta sempre buscando se adequar as novidades e já trabalhei sim muitas vezes na escola.”(PROFESSORA DANDARA)

“[...] Eu acredito assim nós pelo fato de aceitarmos, porque nós aceitamos o aluno independente do que ele seja nós devemos fazer com que eles aceitem os amigos como eles são, porque ninguém é melhor nem pior.” (PROFESSORA YARA)

Segundo Sayão (1997), o/a professor/a deve ser o/a mediador/a e o/a organizador/a do processo pedagógico, favorecendo um “novo olhar” sobre as situações vivenciadas em suas salas, propondo outras fontes de informação, possibilitando ao/à aluno/a refletir de outras formas e lugares. Nesse sentido, é possível compreender que, segundo

os/as professores/as participantes desta pesquisa, o papel do/a professor/a no que tange às questões de gênero e sexualidade na escola, é de mediar, orientar, criar momentos de reflexão, debate e estudos, que possam vir a auxiliar o educando em suas dúvidas, de modo que o educador consiga formar indivíduos integrais. Levando em conta o que foi exposto pode-se dizer, então, que cabe ao professor/a o papel de buscar junto a seus alunos e alunas, o que estes sabem sobre gênero e sexualidade, ensinando-os/as a conviver com a diversidade de formas de ser e estar sujeitos de gênero e sexualidade neste mundo. Ressalto que, infelizmente, em nossos tempos, muitos/as professores/as pensam que as questões de gênero e sexualidade não devem ser abordadas pelas escolas, o que tem sido reforçado e reiterado por uma parte expressiva da sociedade, o que torna esse debate ainda mais necessário.

Ao trabalhar gênero e sexualidade em sala de aula, as dificuldades enfrentadas pelos/as professores/as participantes desta pesquisa nem sempre são as mesmas, segundo eles/as, na maioria dos casos, as dificuldades se situam no entorno da falta de formação e informação sobre os temas, em particular, e afirmam não se sentirem preparados/as. Esses/as professores/as sinalizaram investir em sua própria formação no tema, a partir de leituras, pesquisas via internet, novos conhecimentos, diferentes campos de saberes, conceitos e significados, buscam por processos de formação continuada espontâneos, buscando constantemente novas experiências. Nessa direção, a professora responde:

“[...] dizer que estou preparada é um pouco de ousadia demais, porque a gente esta sempre investindo em boas leituras, boas experiências e boas práticas. Dizer que eu sou totalmente despreparada eu não sou, dizer que eu invisto nisso, sim, é o nosso papel como qualquer profissional, [...] esta sempre investindo, procurando saber novas experiências, se deu certo, [...] é nessa troca de experiência e no dialogo [...] nessa educação dialógica, nessa educação onde a gente escuta o outro, onde a gente ouve e tenta compreender e leva a situação a ser discutida em grupo é que eu acho há crescimento.”(PROFESSORA ESTELA)

“[...] eu busco trabalhar, não me sinto preparado porque todo mundo tem suas falhas, mas também têm suas buscas, eu sempre estou buscando conhecer, tratar da melhor forma possível, mostrar que o outro tem seu diferencial e a gente tem que se respeitar nesse sentido, eu não vivo preparado porque ninguém esta preparado para tudo, mas buscando sempre aprender.”(PROFESSOR FRANCIS)

“[...] não estou preparada, eu não me sinto preparada e segura, eu me sinto muito insegura, porque geralmente na rede a gente ver muito projeto, projetos, projetos e na realidade é só pra mostrar que trabalhou um tema,[...] o professor não esta preparado não só pra esta questão de Gênero e Sexualidade não! Tem outros temas também, como com as crianças com necessidades Especiais [...]eu acho que deveria ter uma preparação melhor,[...] porque seria bem melhor a gente iria ter segurança no que esta falando.”(PROFESSORA MARIA)

“[...] não me sinto preparado não, porque eu já passei algumas situações quando juventude que me deixa um pouco retraído em tratar sobre o tema porque tive divergência em casa com pai e mãe, tive divergências sociais e eu trabalho com essa questão por isso friso muito essa questão do respeito, trabalhar o respeito, buscar ver o outro como parte integrante do todo, não discriminar por qualquer outra coisa, como por Raça, por Gênero, por Orientação, pelo que ele seja, eu tenho que respeitar.”(PROFESSOR JOÃO)

“[...] dizer que a gente esta preparada ainda não, precisa a gente mergulhar mais nos conhecimentos.”(PROFESSORA DANDADRA)

“[...] dizer que estou preparada não, é um desafio,[...] gente aprende com o aluno talvez mais do que com nós mesmo, [...] uma coisa é você ler teoria a vontade e outra coisa é você conviver né como eu vou fazer? “eu estou com fulano aqui que ninguém o respeita”, como eu vou fazer para respeita-lo e ele sentir respeitados por todos? Então passa ser um desafio aqui, então se eu lhe disser que estou preparada pra isso eu não estou,[...] quando surge alguma questões na sala de aula que me exige esses assuntos eu coloco aquilo que eu tenho conhecimento de imediato, mais eu tento estudar na internet, me aperfeiçoar melhor em determinado coisa que surgiu ali que eu não dou conta pra eu possa conversar com eles melhor.”(PROFESSORA YARA)

Assim sendo, compreendo que as questões de gênero e sexualidade estão presentes no contexto escolar da EJA e que o/a educador/a deve estar preparado/a para lidar com essas questões, evitando opiniões pessoais e reconhecendo a importância de se falar sobre o assunto dentro das instituições. Para isso, os/as profissionais da educação, segundo os/as professores/as que participaram da pesquisa, precisam se capacitar para poder obter informações a respeito dos temas e de como lidar com eles de forma adequada no desenvolvimento da Educação de Jovens e Adultos – EJA, além de outros assuntos que atravessam o contexto da diversidade que envolve direta e indiretamente essa modalidade. Possivelmente, educadores/as devidamente qualificados/as e preparados/as para esta função, responderão melhor às dúvidas que os/as jovens, adultos/as e idosos/as apresentarem, ensinando e desfazendo as distorções aprendidas seja por meio da escola, da família e por outros meios.

Desse modo, quanto mais se falar e questionar sobre o tema, mais conscientização será propiciada; esclarecendo inclusive os preconceitos e tabus dentro da própria cultura em que jovens, adultos/as e idosos da EJA estão inseridos/as, conservando a constituição da cidadania destes indivíduos.

Além do exposto, procurei ouvir dos/as professores/as, questões referentes também ao conteúdo e material didático utilizados por eles/as no trabalho em sala de aula nessa modalidade e se esses “materiais didáticos estão preparados para trabalhar estes temas com os/as estudante da EJA, ou se continuam reproduzindo a desigualdade.” Obtive as seguintes explicações:

“[...] não tem livro ideal, eu não acredito em livro didático, o livro didático é um dos recursos, é um dos instrumentos né, o professor tem que trazer pra si outras ferramentas, porque quem escreve aquele livro é um autor e a gente não deve trabalhar com um único pensamento. [...]a gente esta sempre procurando[...] materiais buscados na internet ou nos livros, experiências, vídeos, depoimentos, trazer palestrantes, trazer oficinas tudo isso faz parte de recursos que a gente pode utilizar né.”(PROFESSORA ESTELA)

“o material didático não vem com destaque grande, há um tópico outro, às vezes uma leitura complementar sobre aquele tema.”(PROFESSOR FRANCIS)

“Os materiais didáticos, continua reproduzindo as desigualdade, [...] os livro é inadequado a eles,(aos alunos da EJA), [...]o livro deveria vir preparado pra isso, se viesse uma formação, sei lá, uma introdução em cada tema desse, no livro mesmo a gente faria outras pesquisas,[...] é só aquele tradicional, textos enormes, [...]no meu caso é mais precário porque eu trabalho praticamente com lápis e quadro, então tudo o que eu trago de novo pra sala de aula eu pego em uma outra escola que eu trabalho, eu tenho arrumar material, tenho que tirar do meu bolso,se eu quiser trazer alguma inovação porque o que vem pra mim, não é nada, porque o lápis eu tenho que comprar,[...] a minha ferramenta é o Google.”(PROFESSORA MARIA).

“Os materiais didáticos, continuam reproduzindo a desigualdade, na verdade de EJA ele não é adequado para nossa realidade,[...] eu pego o livro e digo como é que meu aluno que não tem habilidade na escrita e nem domina a leitura vai conseguir fazer isso, aí coloco o trabalho, centenas, dezenas e unidades, com uma estrutura de um calculo lá que às vezes até pra gente entender também é difícil.”(PROFESSOR JOÃO).

“[...] são muitas linhas da Educação de jovens de Adultos que aparece hoje pra você trabalhar na sala de aula, [...] eu acredito que toda EJA tem muito haver com Paulo Freire, [...] Vai depender de como o professor vai destrinchar aquilo ali, aquele conteúdo, tem professor que finge que ensina, os aluno que finge que aprende né e pronto, mais tem professor comprometido, a maioria eu acredito são muito comprometido, ate porque a maioria esses professores são da própria comunidade e isso eu vejo uma coisa muito bacana porque eles tem vontade que aquele aluno se sobressaia né, ele avance na questão do ensino aprendizagem, outros que vem de fora não tem esse zelo né, mais os da comunidade não, “eu quero que meu aluno aprenda.” (PROFESSORA DANDARA)

“[...] material de EJA é pouquíssimo nas escolas, [...] então nós enquanto professores nos preparamos a cada dia buscando esse material porque infelizmente ainda não existe material suficiente pra EJA.”(PROFESSORA YARA)

Diante desses comentários, percebemos que para a professora ESTELA, não existe livro ideal, já que, não acredita em livro didático. Para ela, o livro é um só dos recursos, um instrumento. O/A professor precisa trabalhar com outras ferramentas, ampliando o cardápio de materiais didáticos a serem utilizados. Para o professor FRANCIS, os livros didáticos não destacam esses temas, o muito que vem são leituras complementares sobre um ou outro tema.

A professora MARIA alega que os materiais didáticos continuam reproduzindo as desigualdades, que esses são inadequados para os/as alunos/as da EJA e lamenta o fato de

não se ter formação específica ou pelo menos uma introdução nos livros, para abordar temas como esses e outros de igual importância. Segundo ela, isso seria importante para nortear os/as professores/as em suas pesquisas. A professora MARIA diz ainda que quando se quer tem livros didáticos, os textos são aqueles tradicionais e enormes e que no caso dela é mais precário ainda, porque ela trabalha praticamente com lápis e quadro. Ela desabafa dizendo que tudo o que precisa trazer de novidade para a sala de aula ela pega em uma outra escola que trabalha tendo, muitas vezes, que “arrumar material”, sacando do próprio bolso, se quiser trazer alguma inovação para sala de aula, porque “o que vem da secretaria de educação, não é nada”, até o lápis que precisa tem que comprar e conclui dizendo sua “salvação é a ferramenta Google, que é de onde reproduz a maioria dos materiais que utiliza para ministrar suas aulas”.

O professor JOÃO destaca que os livros didáticos não são adequados para realidade dos sujeitos que compõe Educação de Jovens e Adultos – EJA e que, muitas das vezes, os livros que vem para seus os alunos e alunas que não têm habilidade na escrita e não domina ainda a leitura, são muito complexos, alguns, até ele, como professor, tem dificuldade de entender.

A professora DANDARA lembra que existem, hoje, muitas linhas da educação de jovens de adultos para o/a professor/a trabalhar na sala de aula. Para ela, a EJA tem muito haver com Paulo Freire, por isso, vai depender muito de como o/a professor/a, usa suas habilidades e competências para desenvolver os conteúdos, que estão em toda parte e não só dentro da escola, e provoca dizendo que “tem professor que finge que ensina e alunos que fingem que aprendem”, mas tem também muitos/as professores/as comprometidos/as. Ela acredita que a maioria deles/as são muito comprometidos/as, até porque, boa parte desses professores e professoras, são da própria comunidade e isso é bastante positivo, uma vez que eles/as demonstram ter muita vontade e dedicação, por querer que os alunos e alunas da comunidade se destaquem e avancem nas questões de ensino-aprendizagem.

E, por fim, a professora YARA declara que o material de EJA é pouquíssimo nas escolas e que os/as professores/as precisam buscar materiais que atendam a essas especificidades. Ela lamenta a não existência de material suficiente ainda pra Educação de Jovens e Adulto – EJA na escola onde ela trabalha.

A escola precisa de professores/as que explorem, com os/as alunos/as, conhecimentos gerais sobre diferentes assuntos, temas, situações ou acontecimentos encontrados nos mais diversos canais de informações e na sociedade, seja sobre gênero,

sexualidade ou de um modo sobre a diversidade, nesse direção, a professora Jeane Felix (2016, s.p), lembra que:

Educamo-nos em diferentes espaços e, ao contrário do que muitos/as podem pensar, a sexualidade e as relações desiguais de gênero não deixarão de existir porque não falamos sobre elas, pelo contrário, o silêncio ou a proibição apenas servem para que violências se perpetuem e se ampliem.

E destaca que, ao abordar essas questões em suas atividades, a escola por intermédio dos professores e professoras, contribuirá para redução das violências e desigualdades no espaço “social cuja responsabilidade central é construir/ressignificar/transmitir os conhecimentos acumulados histórica e culturalmente pela sociedade por meio de processos de educação formal” (FÉLIX, 2016, s.p). E acrescenta:

Nessa perspectiva, a partir de reflexões sobre as relações desiguais de gênero e sobre as diversas expressões da sexualidade, docentes, estudantes e os/as demais sujeitos envolvidos na escola podem aprender a desnaturalizar práticas de violência e de desigualdades em virtude de gênero e/ou sexualidade, podem reconhecer as diversas possibilidades de relações afetivas e sexuais entre as pessoas, independente do sexo e do gênero com o qual se identificam. A escola, por suas diversas funções sociais, tem uma enorme responsabilidade nesse processo!

Para tanto, é preciso desenvolver políticas de valorização dos/as professores/as, investir na sua qualificação para abordar questões de gênero e sexualidade, investir para que possam oferecer um ensino de qualidade, ou seja, um ensino mais relevante e significativo para os alunos e alunas. Isso é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da realização deste TCC, entendo que trabalhar e trazer para escola, para sociedade e para o centro dos debates, temas plurais como os que são ligados à diversidade, especificamente gênero e sexualidade, para os quais há muita informação distorcida, contribuíra para combater desconhecimentos, estereótipos, posturas e atitudes preconceituosas.

Depreendo, nesse sentido, a partir das entrevistas realizadas, que os/as professores/as pesquisados/as apresentam, percebem e lidam com as questões de gênero e sexualidade no campo em que atuam, em sua maioria, com pouco conhecimento específico das temáticas enfatizadas, ignorando, muitas das vezes, a subjetividade e a especificidade dos alunos/as da Educação de Jovens de Adultos – EJA, que são pessoas e que trazem consigo experiências e histórias de vida atravessadas por vários marcadores sociais.

Verifiquei, ainda, que os professores e as professoras pesquisados/as tratam as questões de gênero e sexualidade com estranhamento e insegurança, por não se sentirem preparados/as para trabalhar com esses temas na sala de aula e também, por essa razão, se apoiam em suas experiências e em pesquisas via internet quando precisam responder ou explicar possíveis questionamentos que surgem no percurso de suas práticas pedagógicas.

Por fim, quando investiguei o papel que deve desempenhar o/a professor/a de EJA no que tange as questões de gênero e sexualidade na escola, os/as professores/as participantes desta pesquisa responderam que devem ser de um/a mediador/a, não só nessas questões especificamente, mas em tudo o que diz respeito à diversidade, dentro e fora da instituição escolar. Assim, tendo em vista que, segundo Paulo Freire (1921-1997), o papel do professor e da professora é estabelecer relações dialógicas de ensino e aprendizagem, em que o/a professor/a, ao passo que ensina, também aprende. Juntos/as, professor/a e estudante aprendem juntos/as, em um encontro democrático e afetivo, em que todos/as podem se expressar. Freire destaca que ambos, professores/as e alunos/as, são transformados no processo de ação educativa e aprendem ao mesmo tempo em que ensinam, sendo que o reconhecimento dos contextos e histórias de vida neste diálogo se desdobra em ação libertadora. Essa troca também precisa acontecer no âmbito das questões de gênero e sexualidade. A escola precisa ser um lugar onde se aprende sobre esses temas e os/as professores/as, para isso, devem estar preparados/as. Cabe aos cursos de formação docente tratarem tais questões de modo a formar professores/as que estejam qualificados/as e sensíveis para abordar tais temáticas.

Assim sendo, entendemos que só a partir da escola, podemos refletir e trilhar itinerários mais justos, mais iguais, que respeitem os direitos das pessoas sem que suas diferenças representem um obstáculo, para que possam se realizar como cidadãos e cidadãs na sociedade, com bases em uma educação que respeite os direitos humanos, dentro e fora do ambiente escolar, entendendo que é necessário e possível conviver com as diferenças, levando a todos e a todas visibilidade, amparo, afetividade, respeito, equidade, dignidade e conhecimento (ARROYO, 2017).

Trata-se, pois, de uma forma de compreender o mundo com suas múltiplas diferenças orientando o nosso ser, fazer, estar, agir, sentir, pulsar que, por sua vez, se relacionam com modos de intervir na escola e de prática docente, ou seja: prática vivenciada na escola, que aposte na diversidade e na vida com eficácia na formação, na educação do/a docente e dos/as educandos/as.

Em que o Gênero e a “[...] sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico - amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nós fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente” (FREIRE, 1993, p.12).

Por fim, desejo que este estudo possibilite um pensar acerca das práticas pedagógicas e contribua para que estas sejam organizadas com base em alguns aspectos que poderão ser necessários no processo de construção do conhecimento, visando à promoção de uma educação dialógica e crítica, especialmente no tocante às questões de gênero e sexualidade.



## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Passageiros da noite: do trabalho a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

CARNEIRO, Adriana. Educação, gênero e sexualidade: uma abordagem pedagógica e epistêmica. [versão disponibilizada na internet; [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2010\(27p.\)](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010(27p.))]

DUSCHATZKY, S.; SKLIAR, C. O nome dos outros: narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.) Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos; Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC /SEF, 1998, [Versão disponibilizada na internet. <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf> ]

FÉLIX, Jeane. Revista Coletiva.org/index.php/artigo/genero-sexualidades-e-educacao-em-saude-nas-escolas-algumas-reflexoes/2016

FREIRE, Paulo. Apresentação. In: RIBEIRO, Marcos (Org.) Educação Sexual: Novas Idéias, Novas Conquistas. Editora: Rosa dos Tempos, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. [Versão disponibilizada na internet. <https://educacaointegral.org.br/glossario/professor-mediador.>]

\_\_\_\_\_, Pedagogia do Oprimido. 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_, A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez; 1991.

FERRE, Nuria Pérez de Lara. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 195-214. Imagens do outro: imagens, talvez, de uma outra função pedagógica. In: \_\_\_\_; LARROSA, Jorge. Imagens do outro. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 180-192.

FURLANI, Jimena. 2016. Existe “ideologia de gênero”? Pública, São Paulo – SP, 30 de agosto de 2016. Disponível em: <https://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-de-genero/> Acesso em 30/out/2017.

FURLANI, Jimena. “Direitos Humanos, Direitos Sexuais e Pedagogia Queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual?”. In JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 293-323.

GONÇALVES, Hortência de Abreu Gonçalves. Manual de metodologia da pesquisa científica. São Paulo: Avercamp, 2014.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: . (Org.) O corpo educado. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia. São Paulo: Cortez, 1994

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (Org.). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 107-118.

SELLTIZ, Claire et al. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: Herder, 1967.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SCOTT, Joan Wallach: Gender and politics of history. Columbia University Press, N.Y., 1988. O livro é uma coletânea dos ensaios aqui referidos. Tradução de Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 11-27.

## APÊNDICE 1



Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
Centro de Educação  
Coordenação do Curso de Pedagogia

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa “**GÊNERO E SEXUALIDADE: um olhar sobre os desafios docentes na Educação de Jovens e Adultos, na percepção de professores/as que atuam em contextos marcados pela diversidade.**”

A referida pesquisa é parte integrante de um Trabalho de Conclusão de Curso - TCC de Pedagogia desenvolvida pelo estudante Paulo Giovanny Dias Gaspar (matrícula: 11320925), sob a orientação da Profa. Dra. Jeane Félix da Silva - Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Declaro ser esclarecido(a) e estar de acordo com os seguintes pontos:

- O trabalho em questão “**GÊNERO E SEXUALIDADE: Um olhar sobre os desafios docentes na Educação de Jovens e Adultos, terá como objetivo geral **identificar e analisar as práticas educativas dos(as) professores(as) da EJA, a respeito das questões de gênero e sexualidade nos contextos marcados em que atuam.****”
- Na pesquisa pretende-se levantar informações junto aos professores/as sobre o tema. Caberá ao/a voluntário/a a autorização para responder as questões levantadas a partir da realização de uma entrevista PARTICIPATIVA que será gravada a fim de possibilitar o posterior trabalho de análise.
- O/A voluntário/a poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.
- De acordo com as práticas editoriais e éticas, poderão ser publicados os resultados da pesquisa em revistas científicas específicas, bem como apresentados em reuniões científicas, congressos, jornadas etc., independentemente dos resultados.
- Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao seu conteúdo, podendo discutir os dados com o pesquisador. Vale salientar que este TCLE deverá ser assinado em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o(a) participante poderá contatar a equipe científica no número **083) 98875-6421** - [pgiovanny@hotmail.com](mailto:pgiovanny@hotmail.com).
- Dessa forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o seu teor, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.
- 

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do (a) participante

**Paulo Giovanny Dias Gaspar**  
**Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba -**  
**UFPB**

**Dra. Jeane Félix da Silva**  
**Professora do Departamento de Habilitações Pedagógicas - DHP**  
**Centro de Educação - Universidade Federal da Paraíba - UFPB**

João Pessoa - PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

## APÊNDICE 2 - Roteiro de entrevista para os professores



Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
Centro de Educação

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

**FALA DE ABORDAGEM:** Este será um momento para conversarmos sobre algumas questões em torno de gênero e sexualidade, e sobre como isso aparece na escola. A intenção é conversarmos sobre suas percepções, concepções e crenças em relação a gênero e sexualidade. Não irei julgar suas respostas e não há certo e/ou errado. Quero deixar claro que não se trata de uma avaliação, se trabalha ou não com o tema, mas sim de entender como esses temas chegam até você e os desafios que daí decorre. Reafirmo que a sua identidade não será divulgada de forma alguma e que a gravação é para que eu possa retomar nossa conversa em outra oportunidade.

**FOCO CENTRAL:** As experiências ou vivências dos desafios colocados pelas questões de gênero e sexualidade no âmbito do desenvolvimento profissional como professores/as.

### Primeiro bloco

- 1) Gostaria que você falasse sobre o seu trabalho, em termos gerais. Conte-me sobre como foi sua escolha profissional. Como se tornou professor/a?
- 2) Como você avalia, atualmente, a sua formação?
- 3) E sobre a sua história profissional, o que você considera interessante ou significativo na sua trajetória?

**A) COMO OS PROFESSORES/AS DA EJA PERCEBEM E LIDAM COM QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE** (concepções e crenças dos professores (as) em relação às essas questões no âmbito escolar) **NO COTIDIANO ESCOLAR?**

- 4) Para você homens e mulheres são diferentes? Em qual sentido?
- 5) Você percebe diferenças no comportamento dos seus alunos quando eles estão desenvolvendo atividades em grupos mistos (formado por homens e mulheres)? E quando os alunos estão em grupos separados por sexo (formado só por homens ou só por mulheres)?
- 6) Para você quanto ao desempenho escolar; nas atividades educativas, nas disciplinas e nos processos de avaliação existem diferenças entre homens e mulheres, eles apresentam resultados diferentes? Se sim, o que você considera ser a causa desses desempenhos

### Segundo bloco

**B) COMO ESTÃO SENDO TRATADAS ESSAS QUESTÕES NA PRÁTICA DOCENTE DA EJA?**

7) Como professor/a, você já deve ter lidado, em algum momento, com situações em sala de aula, você teve e/ou presenciou alguma experiência durante sua carreira com as questões de gênero e sexualidade? Como foi? (O que sentiu? Como agiu?)

8) Na sua experiência, teve algo que ajudou a pensar sobre isso e/ou a intervir no dia a dia da escola? E algo que atrapalhou e/ou dificultou?

9) Como é isso hoje em dia? Como você vê a questão das relações de gênero e sexualidade na escola?

10) Desenvolve ou já desenvolveu experiência/atividade/ações na sala de aula/escola sobre a temática de gênero e sexualidade? Sim! - Não!

Quando:

**Terceiro bloco****C) QUAL O PAPEL DEVE DESEMPENHAR O PROFESSOR/A NO QUE TANGE AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE?**

11) Qual o papel deve desempenhar o professor/a no que tange as questões de gênero e sexualidade na escola?

12) Você se sente preparado/a para trabalhar o tema gênero e sexualidade na escola? Você tenta fazê-lo?

13) Os materiais didáticos estão preparados para trabalhar este tema com os estudantes da EJA? Ou continuam reproduzindo a desigualdade?

14) Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

### APÊNDICE 3



Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
Centro de Educação  
Coordenação do Curso de Pedagogia

#### DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS DOS (AS) PARTICIPANTES DA PESQUISA **GÊNERO E SEXUALIDADE:**

um olhar sobre os desafios docentes na educação de jovens e adultos.

Graduando: Paulo Giovanny Dias Gaspar  
Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

#### Dados sociodemográficos

1. Nome: \_\_\_\_\_
2. Sexo: ( ) M. ( ) F.  
Gênero: \_\_\_\_\_
3. Idade: \_\_\_\_ anos
4. Nível de escolaridade:  
( ) ensino médio completo  
( ) superior incompleto ( ) superior completo  
\* Especificar o curso de  
graduação: \_\_\_\_\_  
( ) pós-graduação incompleta ( ) pós-graduação completa  
\*Especificar o curso de pós-graduação:  
\_\_\_\_\_
5. Religião:  
( ) Católica ( ) Evangélica ( ) Espírita  
( ) Não tenho religião  
( ) Outra (especificar): \_\_\_\_\_
6. Há quanto tempo você atua como professor (a)?  
( ) Menos de 1 ano ( ) \_\_\_\_ anos
12. Há quanto tempo você é professor(a) da:  
( ) Secretaria de Estado de Educação da Paraíba (SEE)?  
( ) Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa - PB (SEDEC)  
( ) menos de 1 ano ( ) \_\_\_\_ anos
13. Em qual Regional de Ensino você leciona? \_\_\_\_\_
14. Nível de ensino que você trabalha ( ) ciclo I ( ) ciclo II ( ) ciclo III ( ) ciclo IV
15. Qual (Quais) a(s) matéria(s) que você leciona? \_\_\_\_\_
16. Tipo vínculo - ( ) funcionário Público ( ) contratado ( ) em substituição ( ) outros
17. Você tem curso de formação/especialização em EJA \_\_\_\_\_ se SIM, em que instituição? \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_ Tel: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE 4**

Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
Centro de Educação  
Coordenação do Curso de Pedagogia

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA  
COM PROFESSORES DA INSTITUIÇÃO**

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Ao responsável pela Instituição “*locus*” da pesquisa

Eu, PAULO GIOVANNY DIAS GASPAR, estudante concluinte do curso de Pedagogia da UFPB, responsável pela pesquisa de conclusão de curso com o tema Gênero e Sexualidade – um olhar sobre os desafios docentes na educação de jovens e adultos, venho pelo presente, solicitar autorização do/a Gestor/a

da  
Instituição: \_\_\_\_\_ para realizar  
pesquisa com os/as professores/as, com o objetivo de identificar e analisar as práticas educativas dos/as professores/as a respeito das questões de Gênero e Sexualidade na EJA. Este estudo está sob a orientação da Profa. Dra. JEANE FELIX DA SILVA.

Na certeza de contar com a autorização desta instituição, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento através do telefone, (083) 98875-6421, e do Email [pgiovanny@hotmail.com](mailto:pgiovanny@hotmail.com).

Atenciosamente,

---

Paulo Giovanni Dias Gaspar  
Orientando – UFPB

---

Profa. Jeane Felix da Silva  
Orientadora - TCC- UFPB